

## Instituto Socioambiental

fonte: Hoje em Dia class.: 213  
 data: 5/12/94 pg.: 512/94

□ ECONOMIA E MEIO AMBIENTE

# Índios têm aula para aproveitar coco-macaúba

ZINA VIEIRA

Quatorze índios de várias tribos do Xingu, Centro-Oeste do Brasil, devem começar a aprender, hoje, na Fazenda Monte Verde, município de Jequitiba, a 117 quilômetros de BH, próximo de Sete Lagoas, uma técnica pouco conhecida no país: o aproveitamento do coco-macaúba. A região onde os índios habitam é rica em macaúbas, mas eles não sabem como utilizá-la economicamente. Por outro lado, a atividade predatória dos índios com o corte de madeira e mineração preocupa as entidades que atuam na região.

Com a iniciativa, a Associação Vida e Ambiente (ex-Fundação Mata Virgem, criada pelo músico inglês Sting), idealizadora do treinamento, quer criar uma alternativa mais ecológica para os índios. A entidade localizou a fazenda mineira através da Universidade Federal de Viçosa. A universidade desenvolve estudos sobre a macaúba e indicou o fa-

zendeiro Synéias Martins Campelo, pioneiro no aproveitamento do coco-macaúba para retirada do óleo, fabricação de sabão e ração para animais.

Os índios devem ficar pelo menos três dias na fazenda para aprender todo processo de fabricação dos produtos. A fazenda tem cerca de 4.000 pés de macaúbas, 500 deles plantados por Synéias e o restante nativo. Além de usar sua própria produção, o fazendeiro compra cerca de 12 caminhões do coco todo ano.

Na fazenda Monte Verde desenvolve-se outras atividades, mas a base empresarial do fazendeiro desde a década de 50 é a produção de sabão, ração e óleo de macaúba. Toda tecnologia e maquinário usado para a fabricação dos produtos foram desenvolvidos por Synéias Campelo. "No início tivemos muitos problemas, as máquinas quebravam e não dava nada certo, depois fomos acertando", explica o agricultor.



O fazendeiro Campelo é pioneiro no aproveitamento do coco-macaúba

## Idéia empolga fazendeiro

Synéias Campelo está empolgado com a idéia de ensinar aos índios como utilizar o coco-macaúba. Dele nada se perde. Da polpa e castanha tira-se óleo e ração e da casca faz-se carvão com alto poder de calor, comparado ao coque. O óleo pode ser usado na indústria de cerâmica, mas o agricultor prefere usá-lo na fabricação de sabão. Ele produz 200 quilos de sabão por mês, utilizando 111 litros de óleo, 22 de soda cáustica e 140 de água. Uma barra de dois quilos é vendida por R\$ 3,00.

A ração contém fósforo, cálcio e proteína, além de óleo. Grande parte do fruto da macaúba é catada no chão. Com a prensa de 100 toneladas usada pelo agricultor, de cada 60 litros do coco tira-se dois litros de óleo. Com uma prensa contínua o aproveitamento do óleo seria muito maior. O que sobra quando o óleo é retirado já é a ração, usada para porcos, galinhas e gado. O sabão é usado também como massa para confecção de frutas e flores decorativas.

## Ecologia por amor e tradição

Os índios do Xingu certamente aprenderão com este agricultor mais que técnicas para aproveitar o coco-macaúba. Ecologista por tradição e por amor à natureza, Synéias Campelo não corta árvores e não permite que se mate animais em seus 600 hectares de terra à margem do Rio das Velhas.

Dos sete filhos do fazendeiro, a maioria fez cursos universitários de engenharia ligada à agricultura (agronomia) e à terra

(agrimensura). Os outros preferiram ficar no campo mesmo. Mas todos apoiam o gerenciamento da fazenda que se tornou uma filosofia de vida. Além do gosto pela terra e tudo que dela deriva, Synéias Campelo tem amor pelos livros, principalmente os que tratam da história de Minas. Por isso, os índios certamente vão aprender sobre o povo e os índios que habitaram Minas através dos livros e documentos do agricultor.